

Editorial

O presente número da Revista Lusófona de Educação (RLE) abre com um estimulante texto de Antonio Nóvoa, *Em busca da Liberdade nas universidades: para que serve a investigação em Educação?*. O texto do Reitor honorário da Universidade de Lisboa não nos pode deixar indiferentes. É preciso juntar as vozes para combater as tendências dominantes no espaço universitário. António Nóvoa lança-nos o desafio de nos envolvermos no combate por novas formas de organização da vida académica. Afinal, quem vê, ouve e lê não pode ignorar os sintomas de um mal-estar profundo que afecta a vida académica e universitária. António Nóvoa convoca-nos para assumirmos uma responsabilidade individual e colectiva na luta que se instalou pela sobrevivência na *selva* académica. Para o autor não podemos ser cúmplices desta concepção de ciência e da universidade que está a destruir a vida académica. A cultura da produtividade, a transformação das universidades em empresas e em fábricas de preparação de empregos são considerados pelo autor como conceitos tóxicos que estão a devastar a vida dos académicos. Precisamos de uma cultura de debate e crítica, precisamos de estancar a ideologia do “empreendedorismo”, precisamos de mais abertura ao diálogo entre ciência-educação, entre formação-investigação. Precisamos de uma nova política de apoio à investigação. No fundo o que o autor faz é um apelo à liberdade.

O verdadeiro manifesto de António Nóvoa, que constitui a versão em língua portuguesa da conferência realizada na Universidade do Porto, em Setembro de 2014 durante o ECER 2014, inicia um debate sobre a situação e o futuro da investigação que se faz em Ciências da Educação, que desejamos manter nos próximos números. A gravidade dos tempos que se vivem exige de todos os que têm responsabilidades no campo editorial de abrir e propiciar esse debate, sem tabus e limitações.

No artigo, «*Des faits, des faits, des faits!*» À propos du gouvernement par les chiffres et autres données probantes (dans l'éducation et ailleurs), Isabelle Bruno inicia a construção deste desafiante texto com base num excerto de uma obra de Dickens, *Hard Times*, de 1854, cujo director de escola exortava os seus alunos a banirem a palavrão imaginação e a darem apenas importância aos factos e ao cálculo. A autora transpõe a caricatura desta personagem dickenesiana para a realidade educativa neoliberal da actualidade marcada por uma bateria de testes e de dispositivos para medir e avaliar as mais ínfimas esferas dos sistemas educativos nacionais e internacionais, dos seus actores e agentes. Recorrendo à metáfora do inferno burocrático e dos demónios do director de escola de Dickens, a autora lança alguns desafios às ciências sociais: ter uma visão emancipadora da educação, assente na justiça social e cognitiva; olhar para os factos na sua contingência histórica e na sua espessura sociológica; e criar condições sociais para uma produção colectiva de utopias realistas, mesmo que sejam utopias de uma minoria.

Ana Matos, em *Narrative Matters in Intercultural Learning – contributions from Jerome Bruner*, apresenta a importância do texto literário para a aprendizagem intercultural. Com base em Bruner, a autora defende a estreita relação entre a experiência de leitura do texto literário e os objectivos interculturais inerentes a uma perspectiva educacional.

Em *A mediação na comunidade e no desenvolvimento comunitário: tendências, interrogações e potencialidades*, António Fragoso e Emilio Lucio-Villegas apresentam um estudo de caso realizado numa comunidade do norte do Algarve com o objetivo de compreender em profundidade, os processos de desenvolvimento local que ocorreram no território, a partir de 1985. A investigação vem mostrar que a eficácia da mediação, promovida pelas entidades externas, é maior do que a dos mediadores locais, ainda que informais. O estudo vem também reforçar a ideia que a educação e a formação são necessárias para o desenvolvimento comunitário.

Hector A. Monarca, em *El impacto del primer año de enseñanza secundaria obligatoria en la configuración de las trayectorias escolares*, apresenta os resultados de uma investigação, realizada em Espanha, e destinada a perceber o impacto que tem nos percursos escolares a transição do ensino básico para o ensino secundário obrigatório. Neste artigo, o autor confirma os dados de outros estudos similares ao mostrar que essa transição constitui para um número significativo de estudantes um verdadeiro problema.

No artigo *Verbo-visualidades e teatralidades em diálogo: produção de sentidos para o conhecimento em arte e a partir da arte*, Jean Carlos Gonçalves coloca os estudos teatrais em diálogo com as artes visuais, no trabalho entre a dimensão

verbo-visual e a produção de sentidos sobre teatro no contexto educacional. O autor percepçiona a aula de teatro, como conhecimento em arte e a partir da arte, por ser um espaço de diferentes sentidos para o conhecimento, que vão desde o científico, o teórico e o escolar até ao conhecimento do sujeito sobre si e os seus pares.

Rui Neves, Jane Machado e Mary Rangel assinam o artigo *Ateliês de formação e universidade: a voz dos orientadores pedagógicos*, onde defendem a partilha e o diálogo de saberes entre a universidade e a escola. E, no âmbito da lógica das parcerias, vêem o estágio como factor de aproximação e de articulação, com múltiplas e recíprocas vantagens entre ambas as instituições de forma a fortalecer a circulação epistemológica.

Carlinda Leite e Kátia Ramos, no artigo *Políticas do Ensino Superior em Portugal na fase pós-Bolonha: implicações no desenvolvimento do currículo e das exigências ao exercício docente*, discutem o ideário do Processo de Bolonha, que, ao veicular uma concepção de currículo assente na autonomia e no desenvolvimento de competências pessoais e sociais, rompe com a visão tradicionalista que restringe o currículo à mera transmissão e aquisição de conhecimentos. Tendo por referência esta problemática, as autoras realizaram um estudo na Universidade do Porto que teve como objectivo analisar as implicações de políticas decorrentes do Processo de Bolonha na organização e no desenvolvimento do currículo e nos efeitos gerados no exercício da docência do ensino superior.

Motivação para a Aprendizagem Escolar: Adaptação de um Instrumento de Avaliação para o Contexto Português é o título do artigo de Susana Imaginário, Catarina Fernandes, Rita Santos, Joana Santos, Saúl Neves de Jesus, Fátima Moraes e Ivete Azevedo. Face à denominada crise na educação, com a consequente desmotivação de alunos e professores, insucesso escolar e abandono do sistema educativo, os autores analisam a importância dada à motivação, enquanto condicionante da aprendizagem, e capaz de influenciar o indivíduo. Neste artigo, os autores apresentam uma investigação em que adaptaram a "Escala de Motivação para a Aprendizagem Escolar", um instrumento utilizado na população estudantil brasileira, para o contexto português, recorrendo a uma amostra de 791 alunos de diferentes níveis de ensino.

Carlos Nogueira, em *Literatura e conhecimento: Enciclopédia da Estória Universal, de Afonso Cruz*, procura demonstrar de que modo o discurso literário da *Enciclopédia da Estória Universal* dialoga em registos de escrita diversos com discursos outros como os da filosofia, da história e da antropologia com vista ao conhecimento do ser humano e do mundo. Afonso Cruz quer na abordagem dos temas sociais, culturais ou políticos quer nos apontamentos ou nas discussões sobre arte, literatura ou religião, faz da *Enciclopédia da Estória Universal* -

no dizer de Carlos Nogueira - um exercício constante de humor e de seriedade e um convite ao riso ou ao sorriso inteligentes.

Da Deficiência Mental à Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental foi o título dado por Maria Odete Emygdio da Silva e Fernanda Coelho a este artigo onde as autoras, alicerçadas num novo quadro teórico-prático bem fundamentado, enfatizam, em detrimento da deficiência mental, a terminologia Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental. Esta designação é não só menos estigmatizante para as pessoas como também coloca o problema da "deficiência" que não reside apenas no indivíduo, mas resulta também das exigências do meio.

Na rubrica Recensões, José Viegas Brás e Maria Neves Gonçalves analisam a obra *Os Poderes e a Escola*, da autoria de Maria João de Carvalho. Trata-se de um livro que oferece ao leitor/investigador um marco conceptual, bem sustentado e com contribuições teóricas diversas, em torno do(s) poder(es) e da escola, da centralização e descentralização, da autonomia e participação. Revela-se, assim, um estudo importante para a organização escolar e a administração educacional.

No cumprimento de uma das rubricas da política editorial da *Revista Lusófona da Educação*, divulgam-se, neste número, alguns resumos de Dissertações de Mestrado defendidas no Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Lisboa, Dezembro de 2014

António Teodoro, José V. Brás & Maria Neves Gonçalves